

CINEMA NACIONAL: O UNIVERSO DO TRABALHO EM “MAUÁ: O IMPERADOR E O REI”

Ângela Maria Rubel Fanini¹

Resumo

Neste artigo analisamos como ocorre certa formalização ideológica do universo do trabalho no filme “Mauá: O Imperador e o Rei”, produção executiva de Joaquim Vaz de Carvalho e direção de Sérgio Rezende. Várias representações do trabalho (derrogatório, material, imaterial, dignificante, fonte de progresso, riqueza e valor social e pessoal) são destacadas uma vez que a atividade laboral se dá em um contexto social brasileiro bastante complexo cujo cenário apresenta posições sociais e econômicas antagônicas entre dois pólos: idéias e práticas liberais vinculadas a valores burgueses e conservadoras atreladas a uma economia predominantemente agro-exportadora dependente da mão-de-obra escrava.

Palavras-chave: Cinema Nacional, cultura de massa, trabalho, escravismo, liberalismo, clientelismo.

Abstract

The aim of this article is to analyze how a certain kind of ideological formalization of labor takes place in the Brazilian film “Mauá: O Imperador e o Rei”, produced by Joaquim Vaz de Carvalho and directed by Sérgio Resende. Some representations of labor (taken as derogatory, material, immaterial, dignifying, source of progress and wealth, as a personal and a social value) are spotted, because the labor activity is held in the complex Brazilian context where we can identify two opposite tendencies: in one hand, a set of liberal ideas related to bourgeois values, on the other hand, a range of conservative thoughts, associated with a dependent, agro-exporting, slave-holding economy.

Keywords: Brazilian cinema, mass culture, labor, slavery, liberalism, clientelism.

O filme “Mauá: o Imperador e o Rei” vincula-se a uma vertente realista em que prevalece a reflexão sobre a realidade histórica brasileira, debruçando-se sobre questões políticas, culturais e econômicas do século XIX, cobrindo o período de 1820 a 1889. A película pode ser usada como importante meio de conhecimento sobre esse período histórico e como a realidade contraditória e complexa do Brasil oitocentista é plasmada a partir de uma certa perspectiva. Debruçar-nos-emos, mormente, sobre como ocorrem as representações do universo do trabalho no Brasil em tal cenário.

O filme narra as aventuras e desventuras econômicas e políticas de Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, personagem histórico, inserindo os acontecimentos pessoais da personagem na dinâmica da vida nacional em que as contradições entre as idéias e práticas liberais, vinculadas a uma sociedade progressista burguesa se chocam com as idéias e práticas conservadoras, atreladas a uma sociedade escravista e escravocrata.

¹ Doutora em Letras (Universidade Federal de Santa Catarina), professora do Programa de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A fábula do filme conta a trajetória da personagem Mauá e de sua árdua inserção no mundo do trabalho e do esforço pessoal para transformar tanto o cenário econômico-cultural da sociedade brasileira quanto sua própria vida. Órfão de pai, é obrigado pela mãe a vir do Rio Grande do Sul onde morava com a mãe em uma fazenda para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar. Aí, mora em casa de um conhecido da família e passa a se sustentar a partir da profissão de caixeiro. Após essa atividade, em virtude de suas habilidades, força de vontade e autodidatismo, é promovido a guarda-livros no mesmo local. Posteriormente, passa a ser sócio de uma empresa britânica da qual, posteriormente, torna-se proprietário. Na seqüência, transforma-se em grande empresário, beneficiando-se de empréstimos britânicos e de financiamento estatal a partir de relacionamentos políticos influentes com a ala liberal no Segundo Império. Torna-se o maior empresário nacional, mas entra em falência e, ao final do filme, readquire a fortuna. Se não fosse pela influência que a Maçonaria lhe confere, alargando seu universo relacional, poder-se-ia destacar que Irineu é o típico representante do ideal burguês do *self-made man*. Entretanto, não podemos descartar essa hipótese, pois parcialmente encarna esse ideário visto que seu autodidatismo e seu empenho feroz em ascender social e economicamente são também fatores determinantes de sua ascensão.

Essa trajetória é bastante atribulada, espelhando as contradições do cenário econômico - político. Irineu vincula-se, desde muito cedo, ainda adolescente, a idéias advindas do ideário liberal, lendo Adam Smith e Ricardo, cujas idéias irão nortear as práticas do empresário que abomina a escravidão, crê no trabalho digno e formalmente livre, investe em transporte (primeira ferrovia, São Paulo / Santos para escoar a produção do Café, primeiro Estaleiro em Ponta de Areia e na Companhia de Navegação no Amazonas); em comunicação (cabo submarino de telégrafo até a Europa/ primeiro telégrafo internacional); na iluminação da cidade do Rio de Janeiro e em capital financeiro (compra do Banco do Brasil). Ajuda a elaborar o novo Código Comercial, já no Segundo Império, em que se exaltam o lucro, a liberdade de mercado, a concorrência e o papel do Estado somente no planejamento e não na execução. Torna-se o mais rico empresário do Brasil Império sendo que das seis maiores empresas nacionais, quatro eram de sua propriedade.

Entretanto, ao mesmo tempo em que advoga e pratica idéias burguesas, idealizando a construção de um país industrializado a partir do capital produtivo e financeiro, tendo como exemplo a Inglaterra, consegue financiamento governamental a partir de seus relacionamentos

com a ala liberal maçônica, revelando o âmbito do favor², prática corrente na sociedade oitocentista brasileira. O financiamento estatal não é constante, ocorrendo somente quando a ala conservadora está alijada do poder³ representada sobretudo pelos políticos conservadores, ligados a grandes proprietários de escravos e plantagens de café para quem a industrialização do país e do fomento da economia interna em detrimento da agro-exportação não interessavam.

Além dessa fonte de financiamento, revelando uma faceta da identidade nacional, a sociedade relacional⁴, também consegue fundos britânicos, especialmente para a construção de estradas de ferro, cujo montante vultoso só poderia advir do capital inglês o que é consenso entre historiadores⁵.

O Barão de Mauá representa o paradigma burguês em contraposição às idéias de uma elite para quem o universo do capital produtivo atrela-se sobretudo a extensas plantagens de produtos agrícolas de exportação para Europa e Estados Unidos, tráfico de escravos, alto comércio e burocracia estatal a quem a industrialização, o trabalho assalariado livre, a meritocracia, a educação como profissionalização, o fomento da economia interna e a impessoalidade nas relações não eram o paradigma. Mauá advoga outras idéias e as tenta colocar em prática, idealizando construir um país semelhante aos países centrais capitalistas, em destaque para a Inglaterra, no intuito de deslocar a condição de periférico ao Brasil.

Em relação ao trabalho escravo, revelam-se as oscilações por que passa o tráfico. Em algumas cenas do filme, demonstra-se que, após a proibição do tráfico (Lei Eusébio de Queirós, 1850), o escravo tem seu valor inflacionado, pois passa a ser um bem mais escasso. Aqui, passa-se a reforçar uma visão liberal já corrente na época de que o escravo começa a não ser mais lucrativo para o capital. Nova cena do filme revela que o trabalho escravo pode prejudicar o capital quando outro dado histórico vem em cena. A concorrência externa das plantagens da

² A esse respeito, consultar Schwarz (2000) para quem em “As idéias fora do lugar”, a sociedade importa o ideário liberal, sem contudo assimilá-lo na prática, visto que o modo de produção escravista predominante na época obstaculiza aquelas, predominado o universo do favor, contrário à meritocracia e impessoalidade, vinculadas à ideologia burguesa.

³ Segundo Iglesias (1993), Fausto (2006) e Carvalho (1998), D. Pedro II conseguiu governar por 49 anos, distribuindo o poder entre conservadores e liberais, em uma verdadeira “dança dos partidos”, intervindo de modo a equilibrar o poder e manter o Império. Irineu se beneficiava quando políticos liberais assumiam o Gabinete e sofria quando ocorria o contrário.

⁴ A esse respeito consultar DaMatta, cujas idéias apontam para a mesma direção que Schwarz (2000), destacando, em contraposição à sociedade americana, a faceta brasileira do favor e da universo “relacional”, em contraponto à impessoalidade pregada pelos valores liberais.

⁵ Hobsbawm (2007) destaca o poderio da Inglaterra em relação ao investimento e financiamento (sobretudo a família de banqueiros Rothschild) da construção das estradas de ferro, inclusive no Brasil. Também a respeito dessa inversão econômica, ver FAUSTO (2006, p 109).

América Central de cana-de-açúcar⁶ interfere diretamente no Nordeste açucareiro, levando os proprietários a terem prejuízos com o capital imobilizado no plantel de escravos. Novamente, as idéias burguesas contra a escravidão são reforçadas, vendo-se o trabalho assalariado como melhor opção para o capital.

Mauá é contrário à escravidão e concede liberdade a todos os escravos de que é proprietário. Há um escravo, em particular, que o acompanha desde a sua chegada ao Rio de Janeiro. Esse escravo é propriedade do patrão de Irineu. No primeiro encontro entre o escravo e Irineu, este dá-lhe a chave da máscara a que o escravo estava obrigado a usar, pois fora punido por ingerir bebida alcoólica, informando-o de que doravante, seria ele mesmo o responsável pela guarda e uso da chave. Em um segundo momento, o escravo passa a ser propriedade de Irineu, quando este o liberta e lhe presenteia com sapatos (os escravos eram majoritariamente proibidos de usá-los), condicionando a liberdade a que o escravo deixasse de beber, condição questionada pelo recém-liberto. Aí, já se apresentam muitos valores da ideologia burguesa, ou seja, a aversão ao trabalho escravo, a idéia de responsabilidade do indivíduo por si mesmo (a ausência de tutela do regime patriarcal-escravista) e a liberdade condicionada ao coletivo, ao pacto social. Em um último encontro deles, o ex-escravo, já velho, encontra-se fora do sistema burguês (não se manteve em nenhum trabalho assalariado) e está agonizando. Irineu, já Barão, mas falido economicamente, faz-lhe a derradeira concessão, ou seja, ingere bebida alcoólica junto com o liberto e este vem a ter a sua última fala. A situação espelha a marginalidade do elemento escravo, que mesmo liberto, não se enquadra facilmente no mundo do trabalho uma vez que a sociedade brasileira de valores escravocratas ainda vigentes, distancia-se muito da sociedade inglesa onde o universo do trabalho tem um ordenamento muito diferente. Irineu advoga tais idéias, mas não percebe a sua difícil circulação na sociedade brasileira escravista e patriarcal. Irineu não se dá conta de que a Abolição por si só foi uma atitude apenas política e não econômica. Para esta, o governo subsidiou em parte a imigração européia, relegando o liberto a uma condição de marginalidade.

Outra situação que espelha a visão burguesa de trabalho de Irineu, envolve a personagem que representa D. Pedro II. Irineu está à frente de construção de estradas de ferro e para a inauguração de um dos trechos, conta com a prestigiosa presença da Corte e do Imperador. Nessa ocasião, Irineu entrega uma pá para o Monarca a fim de que ele assentasse simbolicamente o primeiro dormente. O Imperador, nada afeito a trabalhos materiais e sob o

⁶ Fausto destaca o tráfico interprovincial em que ocorre um declínio no nordeste e aumento nas regiões centro-sul. Também FURTADO (2003, p.121) enfatiza a transferência do norte para o sul da população escrava por esse mesmo motivo.

sol forte, quase desmaia. Logo após a cerimônia, os Conselheiros do Imperador, chamam Irineu de louco ao ter feito o Imperador passar por tal vexame. A situação espelha outro valor burguês, ou seja, o trabalho material em uma sociedade livre (o que não é o caso da brasileira) é menos depreciado e o Imperador não é visto como superior, mas como qualquer outro cidadão e pode ser trazido à esfera mundana do mundo do trabalho. Novamente o Barão fica fora do lugar, sendo incompreendido, pois a realidade de suas idéias e práticas é apenas parcialmente ajustada à realidade nacional em que prevalece forte aversão ao trabalho material associado ao escravo.

Outra situação que demonstra a incompatibilidade entre idéias e práticas ocorre quando Irineu, ainda jovem, assume a função de gerente financeiro da empresa em que fora caixeiro. O adolescente atém-se a cobrar as hipotecas dentro do legal e leva um fazendeiro a se suicidar ao tomar-lhe a fazenda devido a suas dívidas. O fato faz com que a sociedade se comova e há interferência direta de um dos políticos e Conselheiros de Estado (representado pela personagem Barão de Feitosa) a favor da viúva, suspendendo a pena. Aí o mundo de Irineu e sua inserção no trabalho, segundo preceitos legais, entram em choque com os valores relacionais, de favor e compadrio da sociedade brasileira. O universo do trabalho é perpassado por outra realidade, diferente da inglesa em que a questão legal não é facilmente desviada pela relacional.

Considerações finais

O filme demonstra a sociedade brasileira dividida entre padrões liberais burgueses que adentravam a realidade nacional e nela ficavam ora ajustados, ora desajustados em virtude de uma cultura e economia de bases escravocratas e escravistas. Mauá representa as forças centrífugas, advogando o progresso industrial, a abolição, o trabalho livre, o capital produtivo e consegue vários empreendimentos nesse sentido, mas que ou são abortados ou são determinados por práticas de favor, contrárias à burocracia ou impessoalidade pertencentes à ideologia burguesa. Mauá tenta se mover em um universo galileano, mas forças conservadoras o bloqueiam dentro de um universo ptolomaico. Mauá consegue o apoio dos políticos de orientação liberal, vinculada aos progressistas; abolicionistas; defensores do trabalho assalariado, da industrialização e pertencentes predominante à Maçonaria, afastando-se dos políticos conservadores.

O universo do trabalho na sociedade oitocentista oscila entre dois paradigmas, norteando-se ora por ideais burgueses que o dignificam, ora por valores escravocratas que o desvalorizam. Mauá vê o trabalho possibilidade de enriquecimento pessoal e social, já dentro de uma visão liberal-burguesa.

Referências

CARVALHO, J. M. *Pontos e Bordados. Escritos de história e política*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CUNHA, C. *Formação econômica do Brasil*. 32 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2.ed., 2006.

FRANCO, M. S. C. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997.

HOBBSBAWM, E. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

IGLÉSIAS, F. *Trajectoria Política do Brasil (1500-1964)*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MAUÁ: o imperador e o rei. Direção de Sérgio Rezende. Rio de Janeiro / Inglaterra. Produção: Lagoa Cultural e Esportiva. Distribuidora: Buena Vista, 2000.

SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.